

A VOLTA DA PM: apagamentos e efeitos de sentido no discurso sobre a greve da PM de 2017 no Espírito Santo

THE RETURN OF THE MILITARY POLICE: erasures and meaning effects in the discourse on the 2017 military police strike in Espírito Santo

Filipe Siqueira Fermino¹

RESUMO: No presente artigo, foi realizada a montagem de uma série de fragmentos do discurso do jornal A Tribuna sobre a Greve da Polícia Militar do Espírito Santo ocorrida em 2017. Tomando o dispositivo teórico da análise do discurso de base materialista, a partir das elaborações de Michel Pêcheux, e do dispositivo analítico DAM (Discurso, Arquivo e Montagem) proposto por Mara Glozman (2014, 2018, 2019), foram apresentados os elementos materiais dos discursos de protestos e manifestações que repercutiram no jornal em torno da "volta da PM". No processo de análise, foram mobilizados os conceitos de interdiscurso, formação discursiva e processo discursivo para descrição e interpretação da materialidade discursiva reunida. A partir da descrição e interpretação dessa Série, identificou-se que a locução "A volta da PM" funcionava pela supressão da locução "ao trabalho", apagando as relações políticas e sociais resultantes da greve da Polícia Militar e produzindo efeitos de sentido que negavam ou apagavam a greve enquanto acontecimento.

Palavras-chave: Discurso midiático. Greve. Polícia Militar. Apagamento.

ABSTRACT: This article assembles a series of fragments from the discourse of the newspaper A Tribuna about the 2017 Espírito Santo Military Police Strike. Using the theoretical framework of materialist discourse analysis, based on the work of Michel Pêcheux, and the analytical framework DAM (Discourse, Archive, and Montage) proposed by Mara Glozman (2014, 2018, 2019), we present the material elements of the protest and demonstration discourses that resonated in the newspaper around the "return of the Military Police." The analysis utilized the concepts of interdiscourse, discursive formation, and discursive process to describe and interpret the discursive materiality gathered. Based on the description and interpretation of this series, we identified that the phrase "The return of the Military Police" functioned by suppressing the phrase "to work," erasing the political and social relations resulting from the military police strike and producing meaning effects that negated or erased the strike as an event.

Keywords: Media discourse. Strike. Military police. Erasure.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: filipeskiter16@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A greve da Polícia Militar do Espírito Santo foi um acontecimento (Pêcheux, 1997a) de tipo especial, que provocou desestabilização, não só do aparelho repressivo do Estado (Althusser; Albuquerque, 2007), mas de todas as demais práticas sociais. Foram 23 dias de paralisação no serviço de segurança pública, do dia 3 ao dia 25 de fevereiro de 2017, em todo o estado do Espírito Santo. O sistema de transporte público, o comércio, as escolas, os hospitais, e demais setores da sociedade ficaram paralisados, gerando significativo prejuízo econômico. Esse acontecimento também provocou uma enorme crise de insegurança, com centenas de saques, assaltos e assassinatos, criando um clima de terror em toda sociedade capixaba.

Os jornais, comumente responsáveis por capturar e repercutir a opinião pública (Guilbert, 2020), cumpriram papel fundamental na produção do discurso da insegurança e, posteriormente, com a intervenção federal, na reconstrução da sensação de segurança. Dentre os principais veículos, destacamos o jornal impresso *A Tribuna*, o mais vendido do Estado à época, e com amplo alcance nas massas populares, que destinou, à cobertura da greve, 209 páginas, distribuídas em 23 edições. Das diversas possibilidades de leitura e análise desse material, elegemos para este artigo o discurso sobre as manifestações pela “volta da PM” como um tópico central do qual produziremos uma Série que será a base material da análise.

Assumimos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, de que todo dizer é moldado por um exterior constitutivo, chamado interdiscurso, que condiciona o dizer dos sujeitos, como um já-dito, de modo que esse exterior constitutivo, ou o complexo contraditório das formações discursivas, se sobrepõe aos sujeitos, determinando o que o sujeito pode e não pode dizer. Do ponto de vista do sujeito, destaca-se o efeito do esquecimento nº 2 (Pêcheux, 2014), no qual o sujeito acredita que é dono e fonte de seu dizer, porque pode, nos limites das formações discursivas, selecionar os elementos desse dizer. O pressuposto é de que o sujeito está sempre atravessado pelo inconsciente e que esse inconsciente atua sobre seu dizer, sem que ele sequer o perceba.

Do ponto de vista do dispositivo analítico, analisamos o corpus por meio de uma Série (Glozman, 2010, 2014, 2018, 2019), organizada a partir de um recorte discursivo (Orlandi, 1984) capaz de orientar a leitura e a seleção de fragmentos, e revelar, por meio da descrição, da interpretação e da análise os processos linguísticos e discursivos que surgem da materialidade. Os gestos de leitura que fizemos estavam à procura de traços, pistas, regularidades, que se manifestassem por meio da repetição/transformação, do apagamento, da denegação, de modo que essa metodologia foi capaz de dar relevância aos efeitos do interdiscurso no intradiscurso do jornal *A Tribuna*.

Os demais elementos teóricos e os procedimentos analíticos estão descritos e mobilizados no decorrer da análise, de modo entrelaçado com o corpus, à medida que as características singulares do corpus demandaram o recurso à teoria.

ANÁLISE

Os fragmentos do corpus estão organizados em ordem numérica crescente, utilizando o registro “(#)”. Quando o fragmento apresentado for o título de algum texto extraído, essa informação será registrada entre colchetes [TÍTULO], de modo a informar ao leitor que esse trecho apareceu em destaque no jornal. Vejamos o primeiro fragmento:

(1) Protesto pela volta da polícia [TÍTULO]

Cansados dos assaltos e arrombamentos, lojistas de Campo Grande foram às ruas pedir policiamento para retomar as atividades

Para iniciar o processo de descrição, interpretação e análise, mobilizamos primeiro, a noção de discurso enquanto “efeitos de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1997b, p. 82). Com essa noção, nos questionamos, quais efeitos de sentido podem ser produzidos no leitor com o enunciado “volta da polícia”? O primeiro sentido que acreditamos poder ser suscitado é de que, se a Polícia deve voltar, significa que ela foi a algum lugar, ou seja, há aí um sentido de deslocamento, de espaço. Um segundo sentido, vinculado ao primeiro, tem relação com o tempo, se ela foi (no passado), deseja-se que ela volte agora ou no futuro breve (presente ou futuro). No entanto, essa interpretação é muito superficial, pois toma apenas o sentido literal dos termos.

Para avançar nessa análise, é preciso observar que, na frase “Protesto pela volta da polícia” está em funcionamento não somente um pressuposto, mas um já-dito, antes e em outro lugar, que o processo discursivo atual retoma, rememora, reelabora, deforma, transforma (Pêcheux, 1997b). Esse já-dito funciona por meio do encaixe da expressão “volta da polícia” que produz o sentido de que algo aconteceu antes e que só pode ser explicado pelo conhecimento das condições de produção desse enunciado.

Nesse caso, (não) está se falando do acontecimento: greve da PM. Tanto que a segunda frase do fragmento (1) informa que “...lojistas [...] foram às ruas pedir policiamento para retomar as atividades”. Ou seja, o fato de haver um protesto de comerciantes reivindicando “policiamento” indica, sob a forma de um já-dito, que o policiamento não estava acontecendo.

Seguindo na análise, vejamos o segundo fragmento:

(2) Entidades pedem retorno da PM [TÍTULO]

Após seis dias sem policiais nas ruas, entidades de classes querem o restabelecimento da ordem e da segurança no Estado e pediram a volta dos Policiais Militares às suas atividades. O presidente da Associação dos Magistrados do Espírito Santo (Amages), Ezequiel Turibio, disse que é preciso a volta da PM imediatamente e que o diálogo continue.

No segundo fragmento, o emprego da expressão “retorno da PM” surge como uma paráfrase da expressão “volta da PM”. A esse fenômeno, Pêcheux (2014) vai chamar de processos discursivos, nos quais há uma relação entre a base linguística e o processo discursivo-ideológico, de modo que, se por um lado, uma mesma palavra, expressão ou proposição pode receber sentidos diferentes e igualmente evidentes – conforme a formação discursiva a qual se subordinam, colocando em suspensão a ideia de “sentido literal” – é igualmente possível que palavras, expressões e proposições “literalmente diferentes” possam produzir, no interior de uma mesma formação discursiva, o mesmo sentido.

Pêcheux (2014) chama de processo discursivo “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinónimas etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada” (Pêcheux, 2014, p. 148). É, portanto, mobilizando essa noção de processo discursivo que afirmamos que há, no conjunto de fragmentos organizados nesta série, uma relação parafrástica entre “volta da polícia” e “retorno da PM”.

Ainda na leitura e análise do fragmento (2), há outros trechos que deixam pistas sobre os já-ditos que rodeiam esse discurso. O trecho “Após seis dias sem policiais nas ruas” dá mais uma pista sobre os efeitos de sentido relativos aos verbos “voltar” e “retornar” indicados nos fragmentos (1) e (2): esperava-se que a Polícia voltasse para “as ruas”. Com esse trecho, é possível inferir que o sentido de deslocamento indicado anteriormente combina com a noção de lugar que agora surge, o que se deseja é que a Polícia volte/retorne para as ruas. O trecho seguinte “pediram a volta dos Policiais Militares às suas atividades” dá mais um passo na delimitação de sentidos que não somente indica um lugar, as ruas, mas um fazer, “às suas atividades”, expressão que estava presente também no fragmento (1).

Em relação às atividades dos policiais militares, é preciso destacar que a expressão empregada nesse trecho não possui muita transparência, embora, conforme explica Pêcheux (2014), qualquer cidadão sabe, é evidente, qual é a atividade policial. Sobre esse efeito de sentido, mobilizamos a noção de formação discursiva e transparência de sentido de modo que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (Pêcheux, 2014, p. 148-149). Essa dissimulação produz nos sujeitos um efeito de evidência que mascara o caráter material do sentido, de modo que:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamamos de caráter material do sentido das palavras e enunciados (Pêcheux, 2014, p. 146).

É, portanto, por meio das formações discursivas e como efeito da interpelação ideológica que todo sujeito sabe quais são as atividades da Polícia Militar, sem que seja preciso dizê-las. Ao mesmo tempo, é possível afirmar, conforme já analisado por Fermino (2021), que o discurso do jornal, ao se referir a ou descrever o trabalho da Polícia Militar com uma expressão genérica, como “suas atividades”, ocorre uma ocultação ou um apagamento da natureza do seu fazer.

Seguindo a descrição e análise da série, apresentamos outros três fragmentos que possuem ocorrências semelhantes e serão analisados em conjunto:

(3) Protesto por segurança em Jacaraípe

Na manhã de ontem, comerciantes e moradores da região da Grande Jacaraípe, na Serra, realizaram uma manifestação pedindo mais segurança na região, para que a população pudesse sair de casa.

Vestidos de branco e levando balões da mesma cor, os manifestantes se concentraram na avenida Abdo Saad, em frente à Delegacia de Polícia (DP) de Jacaraípe, onde realizaram um ato pedindo a volta da Polícia Militar e mais segurança para a região.

(4) COMERCIANTES vestidos de branco e com balões da mesma cor se concentraram na avenida Abdo Saad, pedindo a volta da PM e mais segurança para a região

(5) O prefeito da Serra, Audifax Barcelos, afirmou, na noite de ontem, que, com a volta da PM, todos os serviços realizados pela prefeitura voltam à normalidade.

Porém, ele destacou que se houver algum contratempo e a PM não retornar, os serviços serão retomados gradativamente, a partir do momento em que o transporte público for restabelecido. “Com a volta da PM, as aulas serão iniciadas, bem como os atendimentos nas unidades de saúde”.

Para analisar os fragmentos (3), (4) e (5), mobilizamos as noções de falta e excesso conforme proposto por Ernst-Pereira (2009). Para além do emprego nos três fragmentos da expressão “volta da PM” (e suas variantes), identificamos nos fragmentos (1) e (3) o emprego de expressões como protesto/manifestação/ato e no fragmento (4) uma frase descritiva “COMERCIANTES vestidos de branco e com balões da mesma cor se concentraram na avenida...” que também remonta a noção de manifestação, tendo, portanto, como traço fundamental o excesso, a marca de que as pessoas,

indignadas ou preocupadas com a falta de segurança, devido à ausência da Polícia Militar nas ruas, estavam se manifestando.

Em relação ao fragmento (5), identificamos uma relação de paráfrase com o fragmento (2) na medida em que há uma expectativa em (5) de “volta[m] à normalidade” que tem relação de sentido em (2), por meio de processos discursivos, com o “restabelecimento da ordem e da segurança”. O traço, nesse caso também é de excesso, pois tanto a normalidade quanto o restabelecimento da segurança pública, da ordem, da normalidade, é uma pauta que se repete na maioria dos fragmentos analisados. Há, no entanto, um traço em comum nos fragmentos até aqui apresentados, marcado pela falta da menção à greve e aos processos de mobilização a ela referentes.

Seguindo na análise, a falta acima indicada começa a se revelar no fragmento (6). Observemos:

(6) Dois mil pedem o fim da greve [TÍTULO]

Cerca de duas mil pessoas foram às ruas da Grande São Pedro, em Vitória, para pedir a volta da Polícia Militar à região. Ontem à tarde, a Caminhada das Famílias pela Paz teve a presença de homens do Exército e da Guarda Municipal. Com bandeiras e balões brancos, cartazes pedindo segurança e paz, famílias caminharam pelo fim da violência. (...)

“A caminhada é pela volta da paz e da tranquilidade na cidade de Vitória. É o que mais precisamos nesse momento”, disse o presidente da OAB. (...)

O coordenador de projetos sociais na Grande São Pedro, Gilmar Lima, 34 anos, demonstrou que não está contente com a situação da segurança na região desde o início da crise na Polícia Militar.

Até aqui, somente no fragmento (6) ocorreu a menção ao acontecimento em análise. Vale destacar que, para Pêcheux, a noção de acontecimento é tratada como um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (1997a, p. 17), de modo que ao mencionar greve, ativa-se no leitor experiências e memórias com greves anteriores, de diversas categorias, e o emprego da expressão greve da Polícia Militar funciona como uma atualidade, pois diferente de greves anteriores, em que estão em movimento categorias tradicionais de trabalhadores, neste caso, são os agentes da repressão que estão abstendo-se de oferecer seu trabalho, produzindo, portanto, novos efeitos de sentido.

Assim, colocando-se no mesmo enunciado “Dois mil pedem o fim da greve [da Polícia Militar]” em articulação com “pedir a volta da Polícia Militar na região”, produz-se um efeito de sentido até então não identificado, de que “a volta” da Polícia Militar está relacionada ao fim da greve. Nesse fragmento ocorre a expressão “pela volta da paz” que também representa outro processo discursivo que tem como efeito de sentido um paralelo com a expressão já analisada “volta da PM”. Ou seja, a volta da PM representaria a volta da paz para aquela comunidade. De modo semelhante, o enunciado “fim da violência” produz um efeito de sentido de consequência com a “volta da PM” ou com o “fim da greve”.

Por fim, destacamos o emprego das expressões presentes em (6) “situação de segurança” e “crise na Polícia Militar”, expressões que reelaboram, de modo parafrástico, ou seja, por meio de um processo discursivo, o acontecimento, a greve. Seria completamente possível frases como “O coordenador [...] não está contente com a greve na região” ou “...desde o início da greve da Polícia Militar”. Dessa forma, podemos afirmar que há efeitos de sentido sendo produzidos nos leitores a partir do apagamento, da ocultação do acontecimento e sua substituição por expressões genéricas.

Enquanto os estudos analítico-descritivos da língua podem descrever o processo de apagamento que aqui apontamos como mera elipse do termo “ao trabalho” da locução “volta da PM”, para a Análise do Discurso não se trata somente de um fenômeno sintático, pois os efeitos de sentido que essa elipse produz nos leitores têm relação com as relações ideológicas, políticas e materiais que envolvem o acontecimento. Da mesma forma, não é possível entender o processo de substituição do significante “greve” por “situação de segurança” ou “crise na Polícia Militar” como mera relação de sinonímia entre os termos, seja porque não há uma relação de sentido direta entre os termos, seja porque os efeitos de sentido promovidos pelo processo discursivo aqui descrito e analisado também têm relação direta com a natureza do acontecimento, bem como com os interesses de classe em jogo.

Pode-se afirmar, portanto, que o emprego desse tipo de expressão generalizante produz no leitor do jornal uma percepção não objetiva com o acontecimento, de não confrontação com a experiência. Esse tipo de apagamento do acontecimento produz efeitos de sentido que negam o acontecimento e, com isso, facilitam sua repressão, visto que se trata de uma “situação de segurança” ou uma “crise” e não de um movimento reivindicatório de uma categoria de trabalhadores (ainda que trabalhadores da segurança pública). A essa observação, acrescenta-se o fato de que a Polícia Militar não pode, segundo a lei, fazer greve. Nesse sentido, apagar a greve enquanto acontecimento faz com que o leitor ignore a profundidade de ruptura com a hierarquia militar que tal movimento representava.

Como já dissemos, o processo discursivo retoma, mas também deforma, rememora, e/ou transforma os sentidos. Ao investigar o papel da paráfrase e da sinonímia nas relações sintáticas e semânticas, Pêcheux e Fuchs (1997 [1975]) sustentam a tese de que essas figuras não tratam somente de transformação sintática pura, nem exclusivamente de substituições “orientadas”, e sugerem haver uma transformação de terceiro tipo, chamada de substituição não-orientada. É a partir dessa perspectiva que os autores propõem a noção de “sinonímia como um apagamento da orientação (e não como uma extensão lexical da equivalência sintática)” (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 229-230). E em relação a esse conceito, acrescentam:

A orientação deveria ser concebida como o efeito da articulação entre processos diferentes, com relações de apagamento, de subordinação e de dependência: nesta última hipótese, a autonomia de um

processo seria marcada, em definitivo, exatamente pela existência de famílias inter-parafrásticas, onde toda 'orientação' é apagada (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 231).

Assim, se nos processos discursivos ocorre uma retomada/transformação dos sentidos, na medida em que as relações parafrásticas ou de sinonímia promovem, do ponto de vista da Análise do Discurso, uma substituição não-orientada, essa não orientação tem como traço o apagamento da orientação, da mesma forma que o sujeito desconhece o todo complexo das formações discursivas e ideológicas que condicionam o seu dizer.

Para seguir a análise, observe o enunciado no fragmento (7):

(7) Estado indicia 1.151 policiais [TÍTULO]

Governo publicou abertura de inquéritos contra PMs por motim e revolta. Se forem condenados, eles podem pegar de oito a 20 anos de prisão.

Cumprindo a promessa de agir com rigor com relação a policiais militares envolvidos no movimento de greve, o governo do Estado publicou ontem a abertura de Inquéritos Policiais Militares (IPMs) para investigar 1.151 PMs por crimes de motim e revolta.

(...)

Apesar da publicação, PMs estão céticos quanto à capacidade do governo de processar mais de mil inquéritos em 60 dias, limite para a conclusão do Inquérito Policial Militar. Para eles, no entanto, a divulgação dos números serve para pressionar a volta ao trabalho dos militares.

No fragmento (7) é possível verificar a emergência do discurso de criminalização da greve, com expressões como “Estado indicia 1.151 policiais”, “inquéritos contra PMs por motim e revolta”, “Se forem condenados, [...] podem pegar de oito a 20 anos de prisão” e “para investigar 1.151 PMs por crimes de motim e revolta”, marcados pelo excesso do discurso da criminalização. É nesse contexto que passa a ser empregado o termo “greve” para se referir ao acontecimento, visto que a criminalização dos policiais militares se justifica, do ponto de vista legal, quando se trata de uma greve.

No entanto, interessa-nos para esta análise o trecho “a divulgação dos números serve para pressionar a volta ao trabalho dos militares”. Esta é a primeira vez, na série apresentada, que surge, sem apagamento, a sentença completa sobre a “volta da PM”. Não se tratava, portanto, de uma volta do ponto de vista do deslocamento, nem do ponto de vista da temporalidade, e sim uma volta “ao trabalho”, do fim da greve.

O efeito de sentido do apagamento do termo “greve” em relação ao acontecimento, e da locução “ao trabalho” para o termo “volta da PM” revelam que o processo discursivo aqui analisado não representava somente uma “transformação sintática pura”, nem tampouco uma “substituição orientada” e sim, que houve uma substituição não-orientada, marcada pelo apagamento da locução “ao trabalho” e

da não nomeação do acontecimento “greve”, produzindo nos leitores um efeito de sentido de apagamento do acontecimento e de promoção do desejo social que circulava em torno da “volta da PM”.

Ou seja, os efeitos de sentido que são produzidos a partir do apagamento da locução “ao trabalho” da expressão “volta da PM” demonstram que circulou, no discurso do jornal A Tribuna, durante a cobertura do acontecimento, um tipo de discurso que reproduzia formulações pelo fim da greve da Polícia Militar e reivindicações de que os policiais voltassem ao trabalho (saíssem da greve), sem ter que mencionar diretamente essas reivindicações, apagando, ocultando, essa expressão principal. Esses efeitos produzem maior aceitação no leitor, pois este também se sentia inseguro e sentia falta da Polícia [fazendo o seu trabalho]. No entanto, a quem interessava que fosse reforçado na população um sentimento de que a Polícia deveria voltar [ao trabalho], sem ter que lidar com o movimento paredista de frente? Ao governo e à elite que precisam da Polícia para que a ordem, a normalidade e o lucro dos seus negócios não parassem.

Guilbert (2020) explica que o trabalho do jornalista não é somente transmitir informações, mas dar sentido ao acontecimento. Além disso, o jornalista deve “fornecer ao leitor os elementos necessários à compreensão dos acontecimentos (rememoração dos fatos, do contexto, colocação em perspectiva)” (Guilbert, 2020, p. 16). Ocorre, no entanto, que a forma como foi reproduzido o discurso das manifestações pelo fim da greve, como manifestações pela “volta da PM” sem mencionar que era uma volta ao trabalho, ou seja, que eram pelo fim da greve, independente do atendimento ou não das reivindicações do movimento, não dava aos leitores as condições mínimas para a compreensão completa dos acontecimentos, e o efeito de sentido produzido com o apagamento identificado dava determinado sentido ao acontecimento, que estava necessariamente subordinado aos interesses do governo e das classes dominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, a série “Volta da PM” apresentada neste artigo permitiu identificar o processo discursivo no interior do discurso do jornal A Tribuna sobre a greve da Polícia Militar, reforçando seu caráter em favor de determinado interesse de classe. Mas também contribuiu para explicitar o emprego de conceitos e procedimentos da análise do discurso de abordagem materialista. Sobre os conceitos, destaca-se a noção de processo discursivo enquanto conceito para a paráfrase e sinonímia como processos de substituição não-orientada; já do ponto de vista dos procedimentos, reforça-se o emprego do dispositivo DAM (Discurso, Arquivo e Montagem) para a formação de série de fragmentos para montagem e análise discursiva.

Por fim, ressaltamos a incompletude da análise aqui apresentada, visto que ela abarca apenas um aspecto da vastidão de elementos linguísticos e discursivos que o material selecionado produziu, restando ainda muito trabalho a ser feito.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L.; ALBUQUERQUE, J. A. G. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado*. nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 10ª ed., 2007.
- ERNST-PEREIRA, A. *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*. In: Anais do IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. Porto Alegre: 2009.
- FERMINO, F. S. *Uma análise do discurso midiático sobre o “fazer” dos Aparelhos Repressivos do Estado*. In: ALMEIDA, Anderson; CASTRO, Geórgia; ALVAREZ, Palmira Heine (Orgs.). *Análise de discurso em diferentes materialidades*. Catu: Bordô-Grená, p. 134-144, 2021.
- GLOZMAN, M. R.; MONTERO, A. S. *Lecturas de nunca acabar*. consideraciones sobre la noción de interdiscurso en la obra de Michel Pêcheux. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces. n. 40, p. 75-96, 2010.
- GLOZMAN, M. R.; AGUILAR, P. L.; GRONDONA, A.; HAIDAR, V. *Qué es un corpus?* In: *Entramados y perspectivas*. Revista de la carrera de sociología. vol. 4. n. 4. 2014.
- GLOZMAN, M. R. Sobre la construcción de series en el trabajo de archivo. A propósito del ‘discurso hispanista’ en el primer peronismo. In: *Revista Heterotopías del Área de Estudios del Discurso de FFyH*, Córdoba, v. 1, n. 2, dec. 2018. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/22669>. Acesso em: 08 abr. 2025.
- GLOZMAN, M. R. La forma del archivo. Sobre las modalidades de trabajo en los procesos de investigación con materiales discursivos. In: *Anais da XIII Jornadas de Sociología*. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2019.
- GUILBERT, T. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? In: *Linguística: questões e controvérsias*. Série Estudos 10. Uberaba: 1984. p. 09-26.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. São Paulo: Unicamp, 3ª ed., 1997.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2ª ed., 1997a.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso* (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. São Paulo: Unicamp, 3ª ed., 1997b.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 5ª ed., 2014.